



Ágora. Estudos Clássicos em debate

ISSN: 0874-5498

jtorrao@ua.pt

Universidade de Aveiro

Portugal

BRASETE, MARIA FERNANDA

Frederico Lourenço, Poesia Grega, de Álcman a Teócrito, Lisboa, Livros Cotovia, 2006, 175 pp.

[ISBN: 972-795-156.2]

Ágora. Estudos Clássicos em debate, núm. 9, 2007, pp. 185-187

Universidade de Aveiro

Aveiro, Portugal

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321027640008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Frederico Lourenço, *Poesia Grega, de Álcman a Teócrito*, Lisboa, Livros Cotovia, 2006, 175 pp. [ISBN: 972-795-156.2]

O nome de Frederico Lourenço está hoje associado às mais bem-sucedidas traduções de poetas gregos, realizadas no nosso país. As suas qualidades de tradutor destacaram-se principalmente nas fidedignas versões portuguesas dos poemas homéricos — *Odisseia* e *Iliada* —, publicadas também sob a chancela da editora Cotovia que, nos últimos anos, tão meritoriamente, tem vindo a prestar um notável serviço na divulgação de autores e obras da Antiguidade Clássica, gregos e latinos.

Publicar uma antologia de poesia grega é sempre um trabalho louvável, e quando a sua organização, tradução de poemas e notas são da responsabilidade de um helenista com provas dadas, reconhecido tanto pelos seus pares como pelo público em geral, assume uma importância acrescida, especialmente se tivermos em conta a inércia e a abnegação com que o nosso pequeno país se vai esquecendo das suas mais importantes matrizes literárias e culturais — que afinal são também europeias —, na ilusão obstinada de que a vertigem do presente esvanece peremptoriamente o passado.

A publicação do presente volume vem revelar, precisamente, o espírito audacioso e criativo de quem resiste às tensões de uma sociedade obcecada por um pragmatismo cienticista, ou se intimida com o inestimável valor de traduções consagradas, que ao longo de décadas, foram sendo publicadas por insignes helenistas nacionais, umas vezes dispersas em revistas periódicas — e.g., as poéticas traduções de alguns poemas de Safo, realizadas por Manuel de Oliveira Pulquério, na revista *Máthesis* —, outras coligidas em obras de especialidade, como a notável antologia *Hélade*, da autoria de Maria Helena da Rocha Pereira.

As traduções dos noventa poemas que dão corpo a esta nova colectânea de *Poesia Grega* — e que incluem um número muito significativo de versões inéditas em português — pretendem, citando as palavras prefaciais do Tradutor, «apresentar uma amostra representativa dos diferentes géneros poéticos cultivados na Grécia antiga, incidindo na poesia lírica, elegíaca, jâmbica, epinícia e bucólica» (p.11, que, como nas

subsequentes pp.12-15, não apresenta numeração, aparentemente uma das poucas gralhas que passaram despercebidas). Para evitar «duplicações desnecessárias», optou-se por não incluir, na presente edição, autores como Arquíloco, Tirteu e Alceu, com vários poemas traduzidos na *Hélade*, e ainda Sólon e Simónides, sobre os quais se aguardam publicações de dois outros helenistas.

A bem nutrida selecção poética com que nos presenteia Frederico Lourenço representa, de um modo expressivo, a variedade de géneros e subgéneros da lírica grega que, num período intermitente de dez séculos (de Álcman — século VII a.C. — a Teócrito — século III), conferiu voz polifónica e multifacetada a essa procura que é a do ser humano que se encontra a si próprio nas circunstâncias da vida, nas relações com os outros, com o cosmos e o sobrenatural. Nos poemas traduzidos de Álcman, Simónides, Mimnermo, Safo, Íbico, Anacreonte, Teógonis, Baquírides, Píndaro, Baquírides e Teócrito, desvendam-se as expressões dissonantes de um lirismo melodicamente artificioso, que num tom ora grandiloquo ou sentencioso, ora irrisório, ora eivado de um profundo subjectivismo ou bucolismo, desenha os percursos labirínticos da condição humana, onde inevitavelmente se entrecruzam os caminhos do amor e do erotismo, da beleza e da glória, das venturas e das desventuras, da percepção do tempo e inevitavelmente da sua perda, das alegrias, das recordações, das mágoas e do sofrimento.

Quanto às versões propostas pelo tradutor, há que ressaltar a qualidade de ter conseguido harmonizar o escrupuloso respeito semântico pelos vocábulos e expressões do original grego com a tentativa de manter as idiossincrasias das cadências métricas dos diferentes géneros de poesia, em que a palavra era uma simbiose de sentido, ritmo e melodia. O resultado final é, portanto, um conjunto de excelentes poemas em que a linguagem poética recria a polissemia das antigas metáforas e actualiza o riquíssimo imaginário do lirismo grego. Ao rigor e à preocupação de clareza acrescenta-se ainda o intuito plenamente conseguido de não obscurecer a beleza, o vigor e a expressividade poética dos textos originais. A aposição de títulos aos poemas, que, como se sabe, não era

prática da Antiguidade, reflecte uma opção consciente do tradutor, aliás praticada por muitos outros helenistas, nacionais e estrangeiros. Se em muitos poemas se preferiu um título já consagrado pela tradição (e.g.: “Grande Partenéion” (Álcman, fr. 1 PMG), “Primavera” (Íbico, fr.289 PMG), “A poldra da Trácia” (Anacreonte, fr. 417 PMG), noutros a criatividade do Tradutor encontrou alternativas muito felizes. Cito um único exemplo, todavia paradigmático: o célebre fr. 31(PLF) de Safo, em que o título apresentado “Ele, tu e eu” reflecte uma preferência mais consentânea com a estrutura temática do poema.

Nesta colectânea, pensada também em função de um leitor menos informado, existe ainda uma breve introdução, a anteceder os poemas, onde se faz uma apresentação sumária de cada um dos poetas seleccionados. Uma bibliografia bem organizada e actualizada surge no final da obra.

Importa salientar, por último, que estamos perante uma obra de referência no domínio da poesia grega antiga e, pelos seus méritos indiscutíveis, acreditamos que o confessado anseio do seu A. será certamente realizado: «Que a leitura desta poesia proporcione ao público lusófono um vislumbre da sua beleza absoluta, palpável em língua grega, é o meu mais sincero desejo» (p.11).

MARIA FERNANDA BRASETE

Apsinès, *Art rhétorique. Problèmes à faux-semblant*, texte établi et traduit par Michel Patillon. Paris, "Les Belles Lettres", 2001. CXII & 226 pp. ISBN 2-251-00492-0.

Antigo director de investigação no CNRS, e desde há alguns anos na reforma, nem por isso Michel Patillon deixou de enriquecer o mundo dos helenistas com novas edições críticas de teorias retóricas tardias, datadas de época imperial. Em 2001, foi publicada nova edição, com tradução, dos dois tratados de Ápsines, a sétima, desde a aldina, deste retor (CIX-CXII).

A introdução, de cento e seis páginas, principia com a notícia sobre a vida e obra de Ápsines (VII-XVII), a que se segue um sumário do plano